+ voltar para capa
Editorias
+ Opinião
+ Cidades
+ Economia
+ Esportes
+ Caderno C
+ Charge
+ Brasil
+ Mundo
+ Cena urbana
+ Correio Digital
+ Marcas de Sucesso
+ Horóscopo
+ Esotérico
+ Há 50 anos
+ Tiras
+ Correio Escola
+ Editorial
+ Carta do Leitor
Classificados
Revista

Colunas
Suplementos
Especiais
Serviços

Publicada em 7/7/2008

Economia

Brasileiro lembra hábitos da era hiperinflacionária

Filas quilométricas em postos de gasolina e estocagem de carne são alguns deles

Sammya Araújo
DA AGÊNCIA ANHANGÜERA
sammya@rac.com.br

O consultor em Gestão Corporativa Werner Kugelmeier, de 62 anos, lembra bem o pânico que a monstruosa inflação brasileira — que bateu em cerca de 7% ao dia em 1993 — espalhava em seu auge, quando as quase automáticas tarefas de ir ao supermercado ou abastecer o carro exigiam estratégias militares. Citando uma piada tragicômica daqueles tempos, Kugelmeier diz que os passageiros pagavam o táxi antes da corrida, porque no destino final o preço já era maior.

Na segunda reportagem da série sobre a inflação, o Correio Popular recorda a escalada e o declínio da alta dos preços no País ao longo das últimas duas décadas e traz histórias de cidadãos que, como o consultor, sentiu no bolso a perda do poder aquisitivo de um dia para o outro.

Kugelmeier, alemão radicado no Brasil há 32 anos e que hoje tem uma

Olá Wernerkp!
Você está logado(a).
encerrar sessão
Busca
Ed. anteriores
ASSINATURAS
ACESSO GRÁTIS
Como navegar
CLASSIFICADOS
Publicidade

empresa em Campinas, comenta que ter que lidar com a maluca economia tupiniquim foi também um choque cultural. “Inflação de 2% ao dia era algo comum para o brasileiro, mas, na Alemanha, um índice desses por ano já seria motivo para derrubar o governo. Se eu fosse menos ‘brasileiro’, teria enfartado”, afirma.

Um exemplo desses tempos sombrios mencionado pelo alemão era a corrida diária aos bancos, no afã de investir qualquer valor. Foi o reinado do famigerado overnight — operação em que o governo federal, para fechar o caixa diário, captava recursos no mercado pagando juros altíssimos, o que alimentava a ciranda inflacionária.

“Quem não conseguia pegar o horário bancário já ficava nervoso de perder aquele 1,4% do dia”, diz. Outro hábito do alemão era armazenar gasolina em um galão na garagem. “O aumento dos combustíveis era insuportável.”

A fisioterapeuta Maura Fávaro Costa, de 42 anos, foi outra que sofreu com a desvalorização da moeda. Em 1988, recém-formada, abriu em sociedade uma clínica de fisioterapia em Campinas, que “foi pra frente a duras penas”. A principal dificuldade era o abismo de tempo entre prestar o serviço e ser paga por ele. “O que eu recebi do convênio, quatro meses depois, pelas sessões de fisioterapia feitas com uma paciente de um hospital, não pagava nem a gasolina que eu gastei para ir atendê-la. Dava para uma compra de padaria”, lembra.

Mas era mesmo para comprar comida o maior sufoco. Os supermercados eram os principais palcos de batalha contra o “dragão”: comuns eram filas de carrinhos lotados de mantimentos que seriam estocados, antes que as maquininhas de remarcação fizessem seu trabalho rotineiro. “O freezer que tínhamos foi adquirido nessa época, porque minha mãe comprava carne em grande quantidade para congelar”, diz Maura.

Foi justamente em um supermercado o episódio que marcou a experiência do então adolescente Rubens Tagliolato Domene, hoje com 35 anos, com a inflação. Durante o congelamento imposto pelo pacote econômico do

Plano Cruzado — em 1986, no governo José Sarney (PMDB) —, ele chegou a chamar a polícia para fechar, como era possível na época, um estabelecimento da cidade que desobedecia à tabela da Superintendência Nacional do Abastecimento (Sunab), autarquia federal que fiscalizava os preços.

Domene, que era um dos “fiscais do Sarney”, como eram chamados os cidadãos que vigiavam os aumentos, ficou até famoso. “Falei com o gerente e mostrei que o preço da presuntada estava maior do que o permitido, mas ele não quis baixar. Então chamei a polícia. A surpresa é que a mídia chegou junto”, recorda.

Atualmente gerente de vendas do grupo que é o maior fabricante de eletrodomésticos do mundo, Domene também estampou matéria publicada em 23 de março de 1986 pelo Correio Popular. “Fiscalizar os preços é o ‘calcanhar de aquiles’ do pacote”, analisou ele na entrevista concedida na época.

Hoje o gerente — filho de economista — avalia sua postura e os resultados, à luz da experiência adquirida no mercado. “Uma medida ortodoxa como essa (congelamento), não podia ter longevidade, pois era imediatista e populista. Mas, para mim, foi um exercício importantíssimo de cidadania.”

Domene observa que o freezer, produto da empresa em que ele hoje trabalha, foi o objeto de desejo durante a alta desenfreada. “Era um eletrodoméstico emblemático. Atualmente não se vende 1% do que se vendia então”, revela.

Otimismo

Embora escaldados com o trauma de perder o controle sobre o valor do dinheiro, nenhum dos entrevistados teme a volta[/ABRETEXTO] do “dragão” em patamares exorbitantes, como o que já se viu. “Acho muito remota uma hiperinflação no Brasil. Acho, sim, que vai continuar sendo pressionada com o cenário externo, que até pode ter um forte impacto aqui por conta dos nossos altos custos de produção”, avalia Domene. “O sistema financeiro é mais sólido e o combate à inflação é prioridade da política monetária”, opina Kugelmeier. Que o “dragão”nos os ouça

na caverna onde hiberna.

Medo se estende a quem nunca passou pelo drama

O engenheiro de Alimentos César Novaes Cremonesi, de 35 anos, faz parte de uma geração privilegiada de brasileiros que começou a trabalhar em tempos de economia estável. Em 1994, recém-formado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um mês depois da implantação do Plano Real — que inicialmente reduziu a inflação a níveis aceitáveis e acabou por controlá-la de vez —, o engenheiro recebeu o primeiro salário. “Eu vi meus pais vivendo aquele drama. Assistindo ao Jornal Nacional para ver se tinha anúncio de aumento da gasolina e sair correndo para pegar a fila do posto, por exemplo. Mas não nunca soube o que era perder o valor do meu salário”, comemora. Mesmo sem ter passado pelo estresse da corrida contra a inflação, Cremonesi não arrisca todas as fichas no fim definitivo do monstro. “Não aposto em nada na economia brasileira num período maior que cinco anos, e também não compro nada para pagar a prazo em dólar. Tenho medo do governo”, afirma, referindo-se aos fatores políticos que também contribuem, e muito, para a conjuntura financeira de cada país. (SA/AAN)

Processo tem face mais cruel na base da pirâmide

Quem tinha freezer, estocava carne e lotava carrinhos nos supermercados. Os mais previdentes ainda aplicavam qualquer tostão para garantir perdas menores. Mas na base da pirâmide social, nas classes mais populares, o drama da inflação no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 foi verdadeiramente cruel, como observa o professor de Economia da Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (Esamc), Marcelo de Carvalho.

“A inflação penaliza de maneira mais dura quem tem menos e não dispõe de dinheiro para aplicar e evitar a perda do poder aquisitivo”, afirma. Com a maior parcela da população sem capacidade de comprar, está criada uma situação catastrófica para a economia. “Uma alta inflação convive com a recessão”, aponta, sobre uma realidade da época.

A conjuntura da mais grave onda inflacionária do País, diz Carvalho, foi instituída no início dos anos 1980, com a crise da dívida externa brasileira. A alta do preço internacional do petróleo (graças à guerra que tirou o Irã do mercado fornecedor) e a alta dos juros nos Estados Unidos foram os fatores a elevar a dívida a patamares impossíveis. “Isso provocou uma desvalorização contínua da moeda pelo governo militar”, diz o professor.

Em março de 1983, a inflação alcançou os dois dígitos: 10,9%. Ao final daquele ano, a alta acumulada foi de 211%. Estava inaugurada a era do desespero, que culminou no pior dos períodos hiperinflacionários, nos governos de Fernando Collor e Itamar Franco, na década seguinte.

A inflação de 1993, a pior da história, ultrapassou inacreditáveis 2.700 %. Uma estatística daquele ano apontava que, desde 1980, o Brasil contabilizava então quatro moedas, cinco congelamentos de preços, nove planos de estabilização, 11 índices para medir a inflação, 16 políticas salariais, 21 propostas de pagamento da dívida e 54 mudanças na política de preços.

“As principais tentativas de controle da inflação”, recorda Carvalho, “para o bem e para o mal, tanto pela originalidade quanto pelos efeitos, foram os planos Cruzado (1986), Collor (1990) e, finalmente, o Real (1994) (leia no quadro ao lado)”. E o professor é outro otimista ao avaliar a possibilidade de volta do dragão. “Não temos ambiente institucional que permita isso, principalmente pela política econômica levada a cabo pelo Banco Central, cujo controle é um dos mais rígidos do mundo”, opina (SA/AAN).

SAIBA MAIS

Os principais planos econômicos brasileiros

Plano Cruzado — 1986
O cruzeiro, a moeda corrente, perdeu três zeros e virou cruzado no governo José Sarney (PMDB). Os preços e salários foram congelados e foi criado o gatilho salarial — que disparava os rendimentos aos 20% de inflação. O ano fechou com alta de 76% (um

resultado bastante satisfatório na ocasião), mas em 1987 o índice foi quase cinco vezes maior. “O fôlego foi curto porque não é possível revogar leis de mercado”, avalia o economista da Esamc Marcelo de Carvalho.

Plano Collor — 1990

Decretado pelo então presidente Fernando Collor de Mello (então no PRN e hoje no PTB), ficou célebre pelo efeito devastador sobre a população. Mexeu de novo na moeda — que voltou a ser cruzeiro — e ordenou o confisco dos valores superiores a 50 cruzeiros em cadernetas de poupança e contas correntes de todos os brasileiros por 18 meses. Também congelou salários e preços e iniciou a abertura do País ao mercado externo. “O custo foi altíssimo e o benefício, inexistente. Em dois anos, a escalada de preços explodiu”, diz Carvalho. A recessão não tardou. Em 1991, havia mais de um milhão de desempregados no Brasil. Em 1993, após o impeachment de Collor, já no governo de Itamar Franco, a inflação bateu em 2.700%.

voltar

Plano Real — 1994

Posto em prática no governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB). A principal característica foi a criação da Unidade Real de Valor (URV), um indexador atrelado ao dólar que visava apagar a “memória” inflacionária, e foi posteriormente convertido em uma nova moeda, o real. “A moeda indexada foi original e a maior responsável pelo sucesso do plano, pois deixou para trás a chamada inflação inercial (alta automática de preços, independente de fatores causadores)”, aponta Carvalho. Em 1994, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA, medido pelo IBGE), indicou 916,46% de inflação, e, em 2005, 22,41%.

LEIA TAMBÉM:

Diário do Povo

Cosmo On Line

ASSINE O CORREIO POPULAR
19 3736.3200
ligue agora!

CONTATO

E-mail

FAQ

Anuncie no Correio Popular Digital - clique aqui!

Copyright © 2005 Correio Popular.